



**MEIO HOMEM
METADE BALEIA**

José Gardeazabal

*Portanto, aconselho ao leitor que modere a sua curiosidade
a respeito das baleias.*

Herman Melville, *Moby Dick*

Índice

1. O cabelo 15
2. Faz o que quiseres 17
3. As coisas que fazemos a dormir 23
4. O que fez santo agostinho e o que faz a humanidade 31
5. A brancura como objeto de terror 39
6. Przybyszewski 49
7. Explicação aos pássaros e aos crocodilos ou ode a um ser cansado 53
8. Duas coisas 61
9. Jardinagem 63
10. Cabeça observada de frente 65
11. A chave a arranhar a fechadura, o olhar curioso de um doente 69
12. O melhor amigo... etcétera 77
13. A cicatriz romântica 79
14. Alertar homens distantes para perigos que se aproximam 83
15. Sobre a inocência 89
16. Velocidade, aceleração e regresso 91
17. Sobre a mudança de estados 95
18. Contar até três 99
19. A questão da brancura 101

20. Os olhos e os ouvidos cheios de lágrimas 109
21. Todos pequeninos, todos iguais 113
22. Pequenas informações sobre a baleia 115
23. Aquele a quem Aliss chama Moby Dick 119
24. Metade homem, metade baleia 121
25. Diferentes espécies de leviatões 125
26. Teologia do muro 129
27. As palavras são só pensamentos 137
28. A mãe 139
29. Observação de pai e mãe 141
30. A transparência já não é o que era 145
31. Está tudo errado, o chão e as paredes 149
32. As dificuldades do turismo 153
33. Duas águas 157
34. A importância de olhar para o lado 161
35. Oświęcim 169
36. Pensem: centenas, milhares, milhões 173
37. Um nome 177
38. Aquele velho lugar 179
39. E as mulheres? 181
40. Pensar, pensar e não confiar no homem 183
41. A explosão 189

42. As árvores morrem de pé 195
43. Outra vez o grito? 197
44. O elevador 199
45. No estrangeiro 201
46. Ah, bartleby! Ah, humanidade! 205
47. Ou ela ou eu, ou ela ou eu! 207
48. Falemos de pedagogia 213
49. Quando um homem quiser 215
50. As mães 219
51. O cansaço tem um coração pequeno 221
52. A parte mais importante de um dedo 223
53. Ver e voar 227
54. Experiências na água 233
55. Uma falha na cadeia de causas (e consequências) 235
56. Os exageros 239
57. Canções 243
58. E porquê a europa? Porquê a europa? 245
59. Presença da serpente 249
60. A morte é um problema típico dos vivos 253
61. Amor? 257
62. A mulher ainda não existe 261
63. Só se ama uma vez 265
64. Algo invisível a vários metros de distância 267
65. Tatear no escuro 271
66. Se este mundo fosse uma planície 273
67. Os nomes 277
68. O ciclo da água 281
69. Amar é gostar muito, muito, muito 285
70. Não é a mesma coisa 289
71. A lista 293

72. Descrição incompleta de duas formas que ocorrem naturalmente na natureza 295
73. Duas preocupações 297
74. Uma história universal 299
75. Outra vez a imortalidade 305
76. Jonas voa melhor que o homem-morcego 309
77. Uma conversa interessante 313
78. Toda a nudez será perdoada 315
79. O humanismo de Aliss 321
80. Nada de amores platônicos: ou homens ou super-homens 325
81. Respirar como os peixes 329
82. Como um fim 333
83. O morto é o meu pai, diz a criança 339
84. Fim 343
85. A prece de Aliss 345
86. Wandern 349
87. Chuva e pontes sobre as águas 351
88. Não passou 353

1. O cabelo

Jonas pediu à filha para soltar o cabelo. Recebera a informação de que o cabelo solto reduzia o número de insultos às mulheres.

— Aqui não insultam as mulheres de cabelo solto?
— perguntou Aliss, a mão imóvel, perigosamente descansada sobre o cabelo.

— Comprido e solto. Cabelo comprido quer dizer que és mulher. Solto, que não és daqui. Aqui eles raramente insultam as mulheres que não são daqui.

Jonas sentiu que fazia uma pausa nas suas boas intenções. Uma daquelas inexatidões confortáveis que aplicamos às culturas estrangeiras.

— Pai, são os religiosos quem insulta as mulheres?

— Sim, os mais religiosos — respondeu Jonas. — Mas não é por causa dos insultos que são religiosos. Pelo menos é o que eu penso.

Aliss alargou os dedos da mão como um pente imperfeito, feito de carne. Soltou os cabelos, muito lentamente, e recolheu-se num pensamento que nunca partilhara.

— Mas, pai, tu sabes, não sabes? Eu ainda nem sequer sou uma mulher.

Dois dias antes Aliss chamara Jonas de pai ausente e Jonas abriu um dicionário à procura da palavra pai. Aliss repetiu: ausente. O dicionário explicava pai: progenitor, protetor. Pai. Ver também: deus, quando com maiúscula. Jonas procurou o significado de progenitor, pois deus e protetor ele sabia bem o que eram.

2. Faz o que quiseres

Uma figura humana e parada interpelou-o. Havia uma urgência e um peso na imobilidade que aumentava, só naquele lugar, a humanidade da figura.

— Porque é que trouxe para aqui a criança?

— É a minha filha.

— Porque é que trouxe a sua filha?

— A minha filha, sabe? Ela é uma pré-adolescente.

— Mais uma razão, há sempre mais uma razão no caso de uma adolescente. Pergunto-me porquê trazer consigo uma filha pré-adolescente, para uma terra assim. Perigos e incertezas, as coisas mais estranhas a acontecer ou a poder acontecer às adolescentes.

Servantes, o homem prático, uma dificuldade óbvia em lidar com as fronteiras da adolescência feminina. Jonas Foster Miller colocou a mão do lado de fora do automóvel e quis deixá-la escorregar pela parede do muro. Àquela velocidade, ficaria sem a mão. Sem os dedos da mão e, depois, sem a carne da mão. Metade da mão ficaria colada ao muro, como um testemunho político a vermelho. O corpo de Jonas, claro, continuaria, incompleto, no interior do automóvel, na sua interminável missão de paz. Fazer a paz sem a ajuda de uma mão. O pensamento assustou Jonas, como fazem os melhores pensamentos.

— Não é tanto assim, Servantes — respondeu Jonas.
— Tenho um pressentimento que as coisas estranhas vão acontecer, mas vão correr bem.

Servantes tinha razão, naturalmente. Era um daqueles funcionários realistas e barrigudos vindos do centro da europa, calmo, curioso, extremamente inteligente até, mas não ao ponto de isso atrapalhar a sua vida. As razões de Servantes eram como as pequenas verdades que não vêm na bíblia. Do centro da europa ou do leste da europa, Jonas não tinha a certeza de onde viera Servantes. Afinal de contas, o centro da europa mudara muito de lugar, só neste último século! Para a frente e para trás, para a frente e para trás... Para o lado. Para trás, uma última vez, com menos mortos.

Aliss dormia no banco de trás, o seu peixinho vermelho de sangue a rodar dentro da esfera transparente do aquário,

de um lado para outro, avançando e recuando, mas menos que a mitteleuropa. Um peixe aprisionado como um mamífero anestesiado debaixo de água.

No dia anterior tinham entrevistado um indígena que esticou o dedo para o céu, como um jornalista, para mostrar a Jonas como as bombas eram arremessadas de um lado para o outro, «daqui para ali», explicou o indígena, e «dali para aqui», disse, insistindo que havia vítimas todas as semanas, e era horrível, ou pelo menos todos os meses, e era horrível todos os meses. O dedo do desconhecido saltitava por cima do muro, e depois voltava para o lado de cá da parede, um atleta indeciso como o dedinho de deus na capela sistina, sempre próximo, a aproximar-se eternamente do dedo do homem.

E, no entanto, Jonas lembrava-se bem, o dedo de deus nunca tocava o dedinho de adão, era um vizinho perigoso, tons de carne divina embelezados perpetuamente numa fotografia. Imobilidade e hesitação, uma bela pausa para a omnipresença! Ou estaria a indecisão no dedo de adão, perguntou-se Jonas, agnóstico. Talvez deus o desejasse e fosse de adão aquela carne preguiçosa pintada no teto, apontando para nada.

— E o tal Wail, quando o encontramos? — arriscou Servantes.

— Aproximamo-nos, Servantes. A cada instante, um pouco mais perto — respondeu Jonas. — Mas ainda não suficientemente perto.

Um segundo episódio do dia anterior? A mulher de negro com uma cruz de flores nos braços, como um menino morto. Jonas imaginou uma tragédia, mas aquilo não era uma tragédia, era só uma cruz. Jonas acompanhou por alguns minutos a coreografia daquela madona silenciosa com um ressuscitado nos braços, mas o cheiro, a cor e a beleza incrivelmente icônica das flores trouxe-o de volta ao que aquilo era: uma cruz de lindas flores mortas, impossíveis de ressuscitar. Ali não havia madona nem menino.

— Acha que Wail já está morto?

— Espero que não. Por nós, não por ele — retorquiu Jonas, apressado. — Todos morremos, eu sei, mas Wail é um velho amigo.

Episódios assim aconteciam todas as semanas. Dos dois lados do muro, mães a caminhar com meninos mortos, ou então flores. Morria muita gente e viam-se muitas flores. As flores apareciam no fim, como ícones sem feições, por baixo das faces das mulheres, um sinal de pontuação a pedir uma pausa. E, no entanto... a parede estava de pé há décadas. Todas as semanas ou todos os meses, meninos adormecidos morriam a meio do sono. Manhãs, uma mãe, um grito. Depois as flores, no fim, a lembrar meninos pequeninos.

— É verdade que já não é nenhum menino, o meu amigo Wail. Mas sempre foi um bom rapaz. Morrer, morrer, acho que ainda não.

Aliss não dava sinal de querer acordar. «Ama e faz o que quiseres.» Era o que as pessoas ali faziam, de um e do outro lado do muro. Faziam o que queriam e, claro, amavam, embora por vezes amar viesse tarde de mais. Havia aldeias inteiras exaustas por um conhecimento coletivo da técnica do amar tarde de mais. Enterros, gritos, a sensação alta de, finalmente, existir. Nesta região do mundo, a ordem dramática invertia-se e as pessoas começavam a amar verdadeiramente só depois da chegada dos primeiros mortos. A princípio eram poucos, os mortos, mas já definitivos.

Existe uma técnica para amar a tempo. Encontrar essa técnica.

Morrer, amar, rezar?

— Conheceram-se na organização, foi isso, senhor Jonas?

— Não, Servantes, Wail e eu tínhamos interesses comuns. Chegámos a partilhar uma namorada, sem saber. Isto foi muito antes da organização. Wail é bom rapaz, tornámo-nos amigos.

— E a namorada?

— Partilhar é um exagero, claro. Um de cada lado, sem saber do outro. Qual namorada?

— A namorada que partilharam, senhor Jonas, a mulher que o senhor Jonas e o senhor Wail amaram, o que aconteceu à rapariga?

Quem inventara a frase «ama e faz o que quiseres»?
Um político especializado no amor e na morte?

Jonas reviu a imagem de uma mulher e repetiu uma frase em voz alta, para a reconhecer. «Ama e faz...»